

JEFF GARVIN



TODOS, NENHUM
SIMPLEMENTE
HUMANO

Tradução Guilherme Miranda

PLATA
FORMA 31

TÍTULO ORIGINAL *Symptoms of being human*

© 2016 by Jeff Garvin. Publicado mediante acordo com o autor,
representado por BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, Nova York, EUA.
© 2017 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago
EDITORIA-ASSISTENTE Thaíse Costa Macêdo
REVISÃO Flávia Yacubian e Vanessa Gonçalves
DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt
PROJETO GRÁFICO Juliana Pellegrini
CAPA Ana Solt

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Garvin, Jeff

Todos, nenhum : simplesmente humano / Jeff Garvin ;
traduzido por Guilherme Miranda. - 1. ed. - São Paulo :
Plataforma21, 2017.

Título original: *Symptoms of being human*

ISBN 978-85-92783-09-9

1. Ficção norte-americana 2. Identidade (Filosofia) -
Ficção juvenil 3. Identidade de gênero - Ficção juvenil
4. Papel sexual - Ficção juvenil II. Título.

16-00059

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

vreditoras.com.br | editoras@vreditoras.com.br



NOVO POST: UM OU OUTRO

10 de outubro, 6h55

A primeira coisa que você vai querer saber sobre mim é: sou menino ou menina?

Paro de digitar e olho para o cursor, que pisca para mim sem parar, ironizando minha incapacidade de escrever um post idiota.

– Riley! – É minha mãe, me chamando com sua voz melódica. – Se ainda quiser chegar cedo, precisa descer pra tomar café!

Olho para o relógio. Na verdade, nem estou demorando *tanto* assim – mas quero fazer o reconhecimento do terreno enquanto a escola ainda estiver quase vazia.

– Já vou! – respondo, então clico em *delete*, fecho meu laptop e saio da cama.

Pelo menos, posso dizer à dra. Ann que tentei.

Paro na frente do espelho e observo. Não sei se esse visual vai me ajudar a ser invisível na escola nova, mas definitivamente exala um ar punk existencial, tipo “me importo muito, mas não tô nem aí”, que é *tão* eu. Como toque final, abaixo a franja para esconder o máximo possível do meu rosto. Espero que funcione.

Quando chego na cozinha, minha mãe abre um grande sorriso.

– Primeiro dia! – exclama.

Abro um sorriso amarelo em resposta e, então, pego uma caixa de cereal do armário e sento à mesa na frente do meu pai.

– Já se preparou para conquistar Park Hills High? – ele pergunta. Então, tira os olhos do tablet e olha para mim. Seu sorriso diminui quando vê minha roupa.

Estou usando uma calça jeans e a antiga camiseta dos Ramones dele, que customizei para caber no meu corpo mais magro. Coturnos pretos – de couro sintético, nenhuma vaca foi ferida na fabricação das minhas botas – completam o conjunto. Estou feliz de não precisar mais usar uniforme – lembro como era sufocante ter que me prender à mesma identidade dia após dia, independentemente de como me sentia por dentro.

Mas a verdade é que não importa como me sinto – porque, seja lá com que roupa eu vá hoje, as pessoas vão esperar que eu esteja igual amanhã. Isso inclui meus pais.

Então minha única escolha é optar pelo neutro.

– Essa é a minha camiseta dos Ramones? – meu pai pergunta.

– Foi, num passado distante – respondo.

Ele limpa a garganta.

– Riley, tem certeza de que é assim que você quer se apresentar no seu primeiro dia?

Abro a boca, mas fecho sem dizer nada. Meu pai aponta para mim com a colher.

– A primeira impressão é a que fica.

Minha vontade é de gritar: *Até parece que eu não sei!* Em vez disso, respondo:

– Acho que estou limitando o risco das minhas apostas. Quero ver como os alunos se vestem na escola pública. Não quero exagerar e acabar parecendo idiota. – Meu pai parece considerar, depois concorda com a cabeça. Ao apelar para seu senso de estratégia, evito a Inquisição.

Por enquanto.

Dez minutos depois, nós três entramos na minivan da minha mãe. Aceitei deixar que meus pais me acompanhassem no primeiro dia, mas apenas sob a condição de que *não* fôssemos com o Lincoln preto de jeito nenhum. Não quero que ninguém veja a placa do governo no carro do meu pai e ligue os pontos entre Riley Cavanaugh e o *deputado* Cavanaugh. Pode ser paranoia, mas esse tipo de notoriedade é a última coisa de que preciso além de... enfim, além de todo o resto.

Saímos do condomínio fechado e entramos na Imperial Highway. Quanto mais perto da escola, mais frio sinto no estômago; não sei o que esperar. Na Coração Imaculado, era impossível que alguém como eu passasse despercebido; aquela escola era pequena e conservadora demais. Talvez as pessoas

aqui tenham a mente mais aberta. Ou, quem sabe, talvez ninguém me note.

Finalmente, chegamos ao topo do Lions Ridge e dá para ver a Park Hills High School. É um monstro enorme de concreto em forma de U, cercado por portões de ferro fundido encrustados com dez anos de tinta verde acumulada.

– Ei – digo. – Pode parar e me deixar aqui mesmo.

– É uma ladeira íngreme, bebê – minha mãe comenta. – Vamos deixar você na entrada.

– Mãe, a gente já conversou sobre esse lance de “bebê”.

– Certo – ela diz. – Desculpa.

– Na boa, gente, só quero ir andando.

– Então você quer fazer uma entrada triunfal – meu pai diz, com um leve sorriso orgulhoso.

Fico observando. Não teria como ele me entender de forma mais errada. Mas, se acreditar nisso vai impedir que transforme minha chegada num escândalo, prefiro fingir.

– Pois é. Acho que sim.

Minha mãe olha para mim pelo retrovisor, com olhos desconfiados, e tenho a impressão de que enxerga além da mentira. Ela começa a dizer algo, depois parece mudar de ideia e apenas morde os lábios. Meu pai para o carro no meio-fio e se vira para me encarar.

– Você é inteligente e sabe se virar, Riley. Não tenha vergonha de se mostrar e vai ser um diferencial nessa escola.

Mas não quero ser um “diferencial”. Quero ser invisível.

Enquanto eles se afastam, minha mãe me dá um tchauzinho irônico de miss universo e meu pai faz chifres com a

mão. Reviro os olhos, espero impacientemente a van virar a esquina e então observo ao redor para me orientar.

Estou a uns cinquenta metros da entrada da escola, onde alguns grupos de estudantes começam a se formar. Solto um longo suspiro e me ponho a andar na direção dos portões.

Uma SUV verde para na entrada. Desce uma menina loira de saia curta. Enquanto se aproxima de suas amigas, ela passa por um círculo de garotos que jogam uma bola de basquete de um para o outro. Um deles assobia para a menina e ela mostra o dedo do meio.

Então, é a minha vez de caminhar ao lado deles. Meu coração acelera enquanto me aproximo; fico de cabeça baixa e tento passar sem que me notem, perto do muro de concreto. Para o meu alívio, ninguém fala nada. Desviei da primeira bala.

Agora faltam apenas alguns metros para chegar aos portões grandes de ferro. Só preciso passar pelo grupo de garotas e estarei no pátio, onde posso desaparecer na multidão.

Mas, enquanto me aproximo, duas das meninas erguem os olhos e me notam. Desvio o olhar, porém sinto seus olhos examinando, categorizando. Enfrentei isso a minha vida toda, não devia me deixar abalar – mas hoje isso me atinge. Minha pele se enche de calafrios, coloco os braços em volta do corpo e ando mais rápido.

– Ai, meu Deus – uma das meninas fala, e viro a cabeça involuntariamente para olhar. Ela tem um longo cabelo escuro, um nariz pequeno e perfeito. – Puta merda, gente. – Ela baixa a cabeça e, num sussurro forçado, mas ainda audível, ela pergunta:

– É menina ou menino?

Risadas se espalham pelo grupo. Meu rosto fica quente, ando mais rápido, tentando escapar dos cochichos.

– Não – fala outra menina. – Deve ser...

– Sim, mas olha só o que aquilo está vestindo.

Aquilo. Ela me chamou de *aquilo*.



A primeira porta que encontro é a de um banheiro; entro correndo e me tranco numa cabine. Encosto na porta fria de metal por um momento, encarando um pedaço do rebo-co descolorido na parede de azulejos.

Aquilo.

Já me chamaram de coisa pior – muito pior –, mas não sei por que esse comentário magoa mais. Não faz nem cinco minutos que estou aqui e a tortura já começou. Até me esforcei para me vestir da maneira mais neutra que conseguia aguentar – mas não importa. Minha *diferença* é impossível de esconder. Sinto um calor familiar entre os olhos e o começo de um tremor no lábio inferior, mas o mordo para conter. Não posso desistir logo de cara. Não posso deixar um momento ruim estragar minha chance de recomeço. Fecho os olhos e respiro fundo três vezes. Devagar, meu coração volta a bater normalmente.

Tiro da mochila meu calendário e dou uma olhada no mapa do verso: minha primeira aula (Inglês Avançado/Sala 207) é no outro prédio. A aula começa em quinze minutos. Para evitar a correria, melhor eu sair agora.

O pátio da escola tem mais ou menos um quilômetro e meio de ponta a ponta e parece o de uma cadeia de filme antigo. Por um instante, alimento a fantasia escapista de que levo um chute na canela por trás e sangro até a morte antes do primeiro sinal tocar para não ter que enfrentar o restante do dia. Não tenho essa sorte – atravesso o pátio sem qualquer incidente, abro as portas da ala de Língua e Literatura e começo a descer o corredor. Paro diante da sala 207 e espio pela janela, uma daquelas altas e estreitas com malha de arame entre as vidraças. Não vejo ninguém, então abro a porta e entro.

As carteiras vazias estão dispostas em fileiras e paro um segundo para considerar minhas opções. As da frente não são boas, porque fico à mostra para todos que entrarem – e, depois da manhã que tive, prefiro evitar ser o centro das atenções. Mas as de trás também estão fora de cogitação, já que os professores adoram fazer perguntas para os alunos do fundão.

Escolho uma carteira no centro, deixo minha bolsa do lado e sento na cadeira. É nova; quase não tem nenhum rabisco, só a palavra “pênis” num canto. Chego a considerar escrever “vagina” no lado oposto, só para dar uma equilibrada.

Então, a porta se abre e um cara enorme entra na sala. Tem pelo menos um metro e oitenta de altura, acho que mais de cento e trinta quilos, e está usando uma camiseta preta com a estampa do Darth Vader segurando uma casquinha de sorvete. Seu cabelo preto bagunçado está amassado sob um fone de ouvido vermelho, e ele parece estar tocando um solo de guitarra imaginária enquanto atravessa as fileiras, com os

olhos fechados e o rosto se contorcendo em um acesso de raiva ou de êxtase – difícil saber. Ele fica na ponta dos pés, gira um braço para tocar uma nota triunfal na guitarra imaginária, depois se joga de joelhos no chão e ergue os braços como se agradecesse os aplausos do público de um estádio.

Depois de um longo momento recuperando o fôlego, ele se levanta, senta atrás da carteira ao meu lado e começa a examinar sua mochila destruída. Limpo a garganta para chamar sua atenção, mas ele não se altera; não deve conseguir me ouvir com o fone de ouvido.

Finalmente, ele vira a cabeça para estalar o pescoço. Abre os olhos, me vê – tem um sobressalto e derruba a mochila. As coisas dele se esparramam no corredor entre nós: livros, papéis, um estojo do Yoda e uma avalanche de balinhas cor-de-rosa.

Em silêncio, ficamos nos encarando de olhos arregalados por um longo momento. E então ele fala com uma voz quarenta decibéis mais alta que o necessário:

– Pelo bolinho de Jesus! Você quase me matou de susto!

Faço um sinal para ele tirar o fone de ouvido.

– Ah, sim – ele diz alto demais. Quando os tira da cabeça, seu cabelo se espeta, como se tivesse sido eletrocutado. Ele se levanta e pega a mochila, enquanto tento ajudá-lo a recolher as coisas do chão.

Os doces são dezenas de balinhas de morango. Quando pego a última, coloco a pilha em sua carteira e encontro seu olhar penetrante. Seus olhos são grandes e castanhos, e ele me encara por um longo tempo, sem dizer nada. Parte de mim quer dar as costas, tirar um livro da mochila e enfiar a

cara dentro – mas há algo na presença desse menino, uma meiguice meio pateta, que me faz arriscar.

Hesitante, quebro o silêncio:

– Meu nome é Riley.

Ele pisca.

– Solo.

Ergo as sobrancelhas.

– É como todo mundo me chama. Vem de Jason Solomona.

Solo pega uma das balas da mesa, desembrulha habilidosamente e a enfia na boca. Depois de algumas boas mastigadas, pergunta de boca cheia:

– Quer uma? – Eu não quero, mas tenho a impressão de que dizer não seria como recusar uma oferta de paz de um diplomata estrangeiro.

– Aceito sim, valeu – respondo e pego uma. É doce demais e na mesma hora gruda em um dos meus dentes de trás como cimento. Solo me encara por um longo tempo, com as sobrancelhas franzidas.

Ele começa a falar, então hesita. Meu coração se aperta; lá vamos nós. Vai de uma vez. Vamos acabar logo com isso.

Finalmente, parece tomar uma decisão e diz:

– Você não era dessa escola.

– Não – concordo, sentindo alívio.

– De onde você veio? Espere – ele se interrompe –, não me diga. – Ele olha para minha camiseta, depois se debruça com as pernas no corredor para olhar algo no chão. Meus sapatos? Ele se empertiga. – Centro-Oeste – arrisca.

Sem entender direito, mas achando graça, viro a cabeça para o lado.

– Por que Centro-Oeste?

Ele aponta para minhas botas Doc Martens.

– Coturnos. Não muito práticos pro Sul da Califórnia.

Começo a retorquir, mas ele continua:

– Camiseta antiga original dos Ramones, não daquelas que dá pra comprar numa loja de departamentos. – Ele inclina a cabeça, esperando confirmação.

Sinto uma pontada agradável no coração; o menino não parece nada assustado com a minha aparência. Pelo contrário, parece realmente interessado.

– Continue – digo.

– Corte de cabelo diferente. Um ar rebelde.

– Por que isso faz você pensar que sou do Centro-Oeste? Solo dá de ombros.

– Onde mais se poderia criar um desprezo tão grande pelos tradicionais valores americanos?

Isso me faz sorrir. Ele retribui o sorriso.

– Agora – ele continua, levando um dedo aos lábios numa imitação exagerada de detetive –, sua palidez irlandesa de vampiro sugere Norte de Indianápolis. – Ele se recosta na cadeira e entrelaça as mãos enormes. – Chicago. Acertei?

– Não exatamente – respondo.

– Detroit! – ele retruca.

– Não.

– Madison?

Faço que não.

Ele ergue as mãos.

– Desisto. De onde?

– Park Hills. A um quilômetro e meio daqui.

Ele se afunda de volta na cadeira, murchando como um grande balão atingido por uma pedra afiada.

– Droga. Pensei que tinha sacado você.

Encolho os ombros.

– Desculpa decepcionar.

Ele dá risada.

– Não estou decepcionado, só surpreso. Você tem uma cara...

Ele para no meio da frase e sinto outro aperto no peito. Na minha cabeça, uma enxurrada de palavras se apressa para preencher a lacuna: *estranha; esquisita.*

Errada.

Mas então ele fala e não diz nenhuma dessas coisas:

– Você tem uma cara... *exótica* demais pra Park Hills.

Algo dentro de mim se expande e fica mais caloroso, e me surpreendo ao soltar uma gargalhada estranha – algo entre um latido e uma risadinha. Ao ouvir, Solo também dá risada. No impulso do momento, meio que jogo a franja para trás e digo baixo:

– Exótico, o meu rosto?

O sorriso de Solo vacila, e o silêncio que se segue é tão constrangedor que tenho vontade de entrar embaixo da mesa e morrer. Solo fica corado em um tom de marrom-escuro, e abaixo o olhar para o meu colo.

Idiota, idiota, idiota. Minha vontade de ter um amigo

é tão grande que no segundo em que fico confortável com alguém, o que faço? Uma piada esquisita e constrangedora, que ele interpreta como uma paquera. Droga! Foi a coisa errada, a energia errada para emanar nesse momento. E, embora eu esteja me sentindo em um gênero neutro hoje, está claro que ele me vê como um menino; dá para ver por sua reação constrangida com meu flerte não intencional. Agora, o clima ficou estranho entre nós e quero desesperadamente aliviar, desfazer minha virada de cabelo idiota e ficar de boca fechada.

Para o meu alívio, Solo volta a falar como se nada tivesse acontecido:

– Se você é de Park Hills, por que só estou vendo você agora, no penúltimo ano?

Sem querer fazer papel de idiota de novo, dou de ombros do jeito mais indiferente na história da indiferença.

– Eu me transferi da Coração Imaculado – respondo. Assim que as palavras saem da minha boca, me arrependo. Se ele perguntar o porquê, o que vou dizer? Que sou uma peça do jogo político do meu pai? Ou que estava tentando fugir de um lugar onde me perturbavam e me perseguiram diariamente? Um assunto encantador para uma primeira conversa.

Mas Solo não pergunta nada – só olha para as minhas botas, depois para o meu cabelo, e diz:

– Uma escola católica. Claro. Isso faria qualquer um desprezar os valores americanos tradicionais.

Sorriso.

– Mas você tava certo sobre a parte irlandesa. – Ele parece ficar contente.

A porta da sala se abre e entram duas meninas. Reconheço a mais baixa: é a morena com o narizinho perfeito que especulou sobre meu gênero. A que me chamou de *aquilo*. Rapidamente, abaixo para fingir estar tirando outro livro da mochila, levantando só depois que ela e sua amiga sentam em suas cadeiras. Conforme a sala vai se enchendo, Solo começa a colocar as balas de volta na mochila e guarda o fone de ouvido. Enfio a cabeça no livro de Inglês Avançado.

Até que gosto da primeira aula. A srta. Crane tem um rosto redondo e simpático, e adora livros nerds; faz diversas referências a Harry Potter e presta atenção em quem as entende. Ela me vê abafando uma risada com uma piada em que especula como uma aparição de Gina Weasley poderia ter alterado a trama de *Razão e sensibilidade*. Quando o sinal toca, demoro para guardar as coisas; não estou tão a fim de abandonar Solo nem o Santuário Nerd da srta. Crane. Sinto um alívio quando Solo me fala que tem aula de Política Avançada no segundo período – porque eu também tenho – e vamos para a sala juntos. Ou, mais exatamente, eu o sigo pelos corredores, andando atrás de seu corpo largo.

Depois do caso do *aquilo* de manhã, esperava que todos me encarassem boquiabertos, ou até me zoassem descaradamente nos corredores – mas a maioria dos alunos passa por mim como se eu fosse uma pessoa qualquer. Mesmo assim, atraio alguns olhares: uma menina loura usando um

lindo vestido verde me abre um sorriso simpático quando passo por ela. Retribuo.

Então, quando estou começando a acreditar que vou me adaptar, um baixinho de boné de beisebol azul me olha de cima a baixo. No começo, penso que está me paquerando – mas, quando fazemos contato visual, ele abana a cabeça, franzindo a testa como se estivesse com nojo. Ando mais rápido e sigo Solo escada acima para nossa próxima aula.

O sr. Brennan, professor de Política, tem um bigode enorme igual ao do Chuck Norris e faz as pessoas se sentarem em ordem alfabética – então, não tenho escolha a não ser sentar no meio da segunda fileira, enquanto Solo fica duas fileiras para trás. Quando o sr. Brennan começa a aula, não estou prestando atenção; estou lembrando os cochichos da manhã e o olhar enojado do menino no corredor.

Em algum momento, ergo os olhos e encontro o sr. Brennan parado bem na frente da minha fileira.

– Alguém arrisca um palpite? – ele diz, referindo-se a uma pergunta que, pelo jeito, não ouvi. – Estamos falando da Câmara de Representantes dos Estados Unidos. O país em que a maioria de vocês nasceu. – Abaixo os olhos para a carteira, torcendo para ele não me chamar. – Riley Cavanaugh – ele diz.

Abro a boca, com a intenção de responder, mas nada sai. Depois de um momento, o cara na minha frente – magro, com o cabelo escuro até os ombros e um casaco preto elegante que sinto uma ligeira vontade de roubar – fala com uma voz fina demais para a idade dele:

– Cinquenta?

O sr. Brennan lança o olhar para ele.

– Errado. Você deve estar pensando no Senado, que inclui dois representantes de cada um dos cinquenta estados, dando um total de cem.

O menino dá de ombros.

– Ah. Bom, foi por pouco. Mas, enfim, DeLucca, não foi você que eu chamei. – Ele se vira para mim. – Cavanaugh? Quer arriscar um palpite?

Toda a turma está olhando para mim agora e sinto meu rosto arder na hora. Quando coro – o que acontece com uma frequência patológica –, não é uma mudança sutil de tom de pele; é quase uma pintura nova. Pensamentos de alerta correm pela minha cabeça: *Se faça de idiota! Dê a resposta errada!* Mas o hábito vence a precaução.

– Quatrocentos e trinta e cinco – digo. Meu rosto basicamente explode em chamas e abaixo os olhos para a carteira.

– Correto – responde o sr. Brennan, virando-se para andar pelo corredor central. – Pelo visto, apenas duas pessoas nesta sala estão entre nossa frágil república e a oligarquia clandestina. Vamos ver se não conseguimos aumentar nossos números este ano? – Com isso, ele continua sua aula e não presto mais atenção em nada até o fim do período.

Quando toca o sinal, todo mundo sai correndo e se atropela em direção à porta. Parece que o sr. Brennan não está concorrendo ao título de Professor Mais Popular de Park Hills High. Sigo Solo até o corredor, que está bem menos cheio.

– Qual é a próxima que você tem? – pergunto.

– *Español*, depois Álgebra I.

– Você ainda está fazendo Álgebra I?

– O primeiro filme é sempre melhor que o segundo – ele diz.
Dou risada.

– A que horas você almoça?

Solo está prestes a me responder quando um cara alto esbarra em mim, fazendo-me cair de lado. Ele tem ombros largos, o cabelo clareado pelo sol e desgrenhado, e seu braço esquerdo está envolto numa tipóia amarela. Na outra mão, segura um tablet. Depois de trombar comigo, ele vira a cabeça e me olha. Noto aquela velha vacilação de incerteza enquanto tenta me entender. Ele desiste mais rápido do que a maioria e apenas diz:

– Olha por onde anda, vadia! – Dispara um olhar repressivo para Solo, depois volta a descer o corredor.

Um menino mais novo corre atrás dele, gritando:

– Devolve, cara!

Solo me segura com uma de suas mãos grandes.

– Você tá bem?

– Sim – respondo, recuperando o equilíbrio. – Valeu.

Quem era aquele?

– Jim Vickers – Solo responde, franzindo a testa diante da perseguição que virava o corredor. – Obcecado por sacanear os outros-barra-*running back*. Mas ele tá fora nessa temporada.

– *Running back*? Tipo em futebol americano?

Solo faz que não.

– Xadrez.

Dou uma risadinha

– Ele é sempre babaca desse jeito?

Mas Solo parece não estar me ouvindo enquanto viramos o corredor e abrimos as portas duplas que dão para o pátio. O dia está claro, já chegando perto das oito e meia. O sol está gostoso, endireito as costas.

– Sabe pra onde vai depois? – Solo pergunta.

Reviro a mochila e pego o calendário.

– Pré-Cálculo, depois Francês, depois almoço.

– Bom – Solo diz –, é aqui que nos separamos então. – Ele junta as palmas das mãos e faz uma reverência irônica. – Que você sobreviva ao primeiro dia. – Sinto um pouco de náusea com a ideia de voltar a ficar sem a companhia dele; mesmo tendo sido apenas duas horas, estava me acostumando a ter um guarda-costas gigantesco. Eu me viro e imito sua reverência irônica.

– Que você suporte os terrores da Álgebra – respondo.

Solo abre um sorriso.

– Então, vejo você no almoço?

Com isso, os olhos de Solo desviam para algo à distância, atrás de mim.

– Sim. Talvez – ele responde.